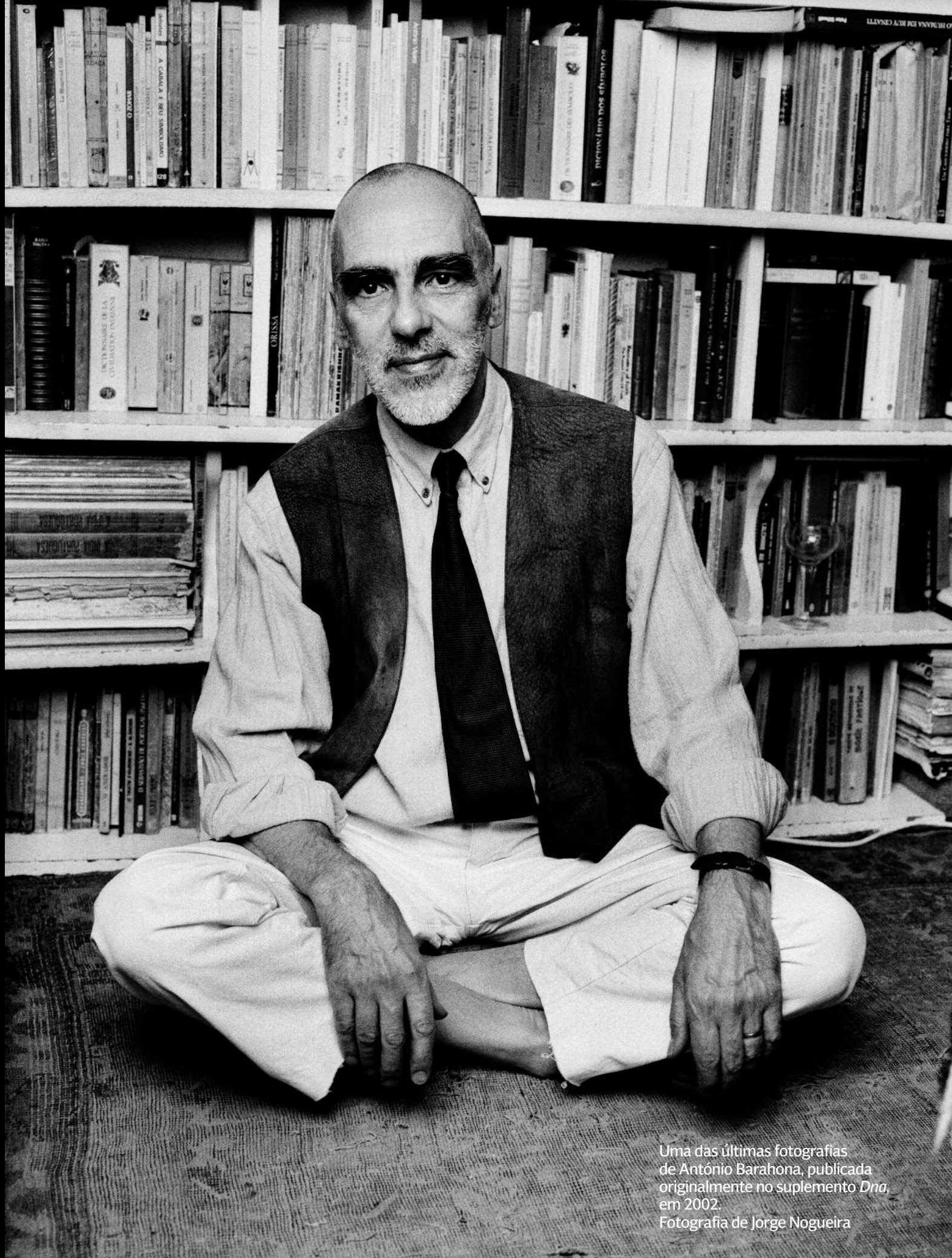


A ÚLTIMA ENTREVISTA DE ANTÓNIO BARAHONA

É preciso subir uma escada íngreme para ir ao encontro de António Barahona. O poeta, lá do alto, observa, muito sério, o esforço da subida avisando, numa voz bem colocada, que tem de se ter cuidado. Sobretudo a descer. Os degraus são curtos. A escadaria longa. No primeiro andar, há crianças a brincar com uma espada de plástico, frente a um televisor onde passa um filme de desenhos animados. No segundo piso, finalmente alcançado, fica o pequeno escritório onde o tempo é outro, indiferente ao rumor do mundo lá fora. É aqui que António Barahona lê e escreve, estuda árabe e sânscrito, aqui compõe os seus panfletos de ideias controversas e circulação restrita, aqui medita e reza. Numa pequena estante, entre os retratos a preto e branco do pai e da avó (que lhe pagou os primeiros livros publicados em edição de autor) há uma imagem de D. Sebastião («gosto dele; há uma seita heterodoxa muçulmana que diz que o *mahdi*, aquele que virá no dia do Juízo Final separar os bons dos maus, é o D. Sebastião»). Reconhecem-se nas paredes, em desenhos e fotografias, os rostos de Herberto Helder e Ruy Cinatti, os de Cruzeiro Seixas e Luíza Neto Jorge ou os de Eunice Muñoz e Mário Cesariny de Vasconcelos. É do próprio Cesariny o traço de um desenho a lápis que retrata o jovem António Barahona de bigode e impetavelmente penteado, nos anos do Café Gelo. Começava aí uma aventura poética progressivamente transmutada em aventura religiosa. A imagem encaixilhada, algo ingénua, contrasta vivamente com o rosto do homem de 70 anos que tenho ao lado, agora de longas barbas brancas e olhar grave. Falamos durante uma tarde inteira. Ele não gosta de entrevistas, repete-me com frequência ao longo da conversa. Foram raras as que deu e quase sempre acabou por se arrepender. Desta também se arrependerá e liga-me no dia seguinte para me dizer que é melhor que o texto não saia. «O que conta são os livros.» Acaba de publicar uma antologia pessoal da obra poética que vem construindo há meio século (*O Sentido da Vida É só Cantar*, Assírio & Alvim) e para a entender por inteiro, argumento, é fundamental conhecer-lhe o trajecto: do surrealismo à devoção religiosa (ora islâmica, ora católica e agora muçulmana de novo). Chegamos, por fim, a um compromisso: concede-me a autorização para que a conversa se publique mas sob a condição de não ser fotografado. Assim seja. «E será a última», garante.

ENTREVISTA DE CARLOS VAZ MARQUES



Uma das últimas fotografias de Antônio Barahona, publicada originalmente no suplemento *Dna*, em 2002. Fotografia de Jorge Nogueira

O que é que aprendeu de essencial no Café Gelo?

Ai, meu Deus. Isso exigiria que eu começasse a falar e não me calasse mais. É difícil fazer uma súmula.

Mas o que é que subsiste dessa aprendizagem?

Subsiste tudo. Foi fundamental. Posso dizer-lhe que até ao momento em que encontrei aquelas pessoas, de uma certa maneira eu estava cego. Comecei a ver coisas que não via antes. Aprendi coisas determinantes até para o meu comportamento actual. Para mim, isso tem sido um manancial de poesia.

Esse período foi mais importante enquanto tempo de formação literária ou de formação humana?

[*Silêncio longo.*] As pessoas que paravam no Café Gelo eram uma gente única, naquela altura. Nesse tempo só havia duas tendências marcantes, política e literariamente, em Portugal.

O neo-realismo e o surrealismo.

Havia também um grupo de direita, da revista *Rumo*. O Goulart Nogueira. Havia uma direita assumida que tinha os seus escritores e os seus poetas. Depois, havia os neo-realistas e havia o Café Gelo. Sabia-se da existência daquelas pessoas mas esse grupo do Café Gelo era o mais obscuro. Só a partir de certa altura o grupo se tornou notado. Uma das vezes em que se propalou por toda a cidade a existência desse grupo, em que isso chegou, inclusivamente, ao próprio Ministério do Interior e à PIDE, foi quando se organizou um jantar de desagravo ao Raul Leal. O poeta Raul Leal vivia de uma magra reforma da Ordem dos Advogados e essa reforma esteve em vias de lhe ser retirada por ele ter sido encontrado, em flagrante, nas imediações de Benfica, num acto de homossexualidade. Penso que isto não denigre nada o senhor. Quem fica denegrido foi quem lhe quis retirar a reforma pelo facto de ele ser homossexual.

Organizaram, então, um jantar de desagravo.

Organizou-se um jantar de desagravo e esse jantar teve um eco decisivo. Aquilo chegou ao conhecimento do Ministério do Interior; a PIDE apareceu no fim desse jantar e o que se passou foi muito bonito porque todos nós – sem termos combinado nada – nos pusemos à volta do Raul Leal, fomos levá-lo – ele morava na Praça da Figueira – e só depois cada um foi para sua casa.

Isso foi muito falado?

Sim. E não foi retirada ao Raul Leal a reforma a que ele tinha direito e que era a única coisa de que vivia. Foi um acto de humanidade. Foi muito bonito, porque no jantar cada um discursou e o tema do discurso era, em todos os casos, a apologia da homossexualidade. Entre nós, havia pessoas que, como o Mário, eram homossexuais. Mas essa apologia foi feita, inclusivamente, por pessoas que não eram homossexuais.

Imagino que o Raul Leal terá ficado emocionado.

Sim. Ele ficou imensamente grato.

O António Barahona – que era o mais novo do grupo – já tinha direito a discursar, nessa altura?

Eu não discurssei. Sempre fui muito tímido.

Como é que começou a frequentar o Café Gelo?

Eu usava capa e batina, quando andava no liceu. Tínhamos um grupo que costumava parar na Praça do Chile. Havia ali uma esplanada chamada Os Perus. Já não existe. Então, juntavam-se ali uns estudantes, entre os quais eu. Teria uns 15 ou 16 anos.

Já escrevia versos?

Sim. Já escrevia versos. Tínhamos umas borgas muito estúpidas. Muito primitivas.

Alcoólicas?

Sim, alcoólicas. Íamos de boleia até Sacavém ou até Vila Franca e depois íamos para uma tasca, embebedávamo-nos e voltávamos bêbados para Lisboa. Numa dessas idas a Vila Franca conheci, numa tasca, um sargento da Marinha que era amigo do Cesariny. Eu conhecia o Cesariny só de nome, de ouvir falar.

Ainda não o tinha lido?

Não o tinha lido. Combinei, então, com esse sargento da Marinha, de quem já não me lembro o nome, que me encontraria com ele, num determinado

O Mário Cesariny disse-me várias vezes

que eu devia escrever a história do Café Gelo. Quis entusiasmar-me nesse sentido. Eu não sei a história toda. Quando eu apareci já o grupo do Café Gelo existia. E as pessoas com quem eu poderia falar acerca desse tempo, exceptuando o Herberto, já desapareceram.



dia, no Café Gelo, para ele me apresentar o próprio Cesariny. E assim foi.

Nessa altura já tinha lido algum dos outros poetas do Gelo: o Herberto Helder, por exemplo?

Não. Nem o Herberto tinha publicado ainda. Isto passa-se em 56 ou 57. *O Amor em Visita* é de 58.

Quem eram os mais assíduos dessa tertúlia?

Parava por lá o Herberto, o Luiz Pacheco, o Ernesto Sampaio. O Fernando Barros, que também era poeta e que entretanto foi para Espanha e nunca mais ninguém ouviu falar dele. O Virgílio Martinho, o José Carlos Gonzalez. O Manuel de Lima também aparecia de vez em quando. E outros de que não me lembro agora. Ah, e o Manuel de Castro.

Os encontros eram regulares ou aconteciam quando calhava?

Não se combinava nada mas todos os dias estávamos ali. Eu era talvez o mais novo. Era um miúdo. Eles eram todos um pouco mais velhos.

Como é que foi acolhido?

Pois, o acolhimento, para as pessoas que chegavam, nunca era fácil. Aquilo era... Bem, evidentemente que a comparação que agora me ocorreu é um bocado estúpida mas quando se entra numa prisão há sempre um preso que protege o recém-chegado. Aquilo, ali, não era propriamente uma prisão porque ensinava a liberdade. Ali a questão era outra. Mas também se precisava de protecção.

Quem era o seu padrinho?

Era o Manuel de Castro.

Não foi então o Cesariny, a quem o tal sargento da Marinha o apresentou.

Não. O Cesariny era, digamos, uma pessoa que se situava um pouco acima dessas querelas. Ele não era de exercer esse tipo de... não direi de *crudeldade*, mas de criar oposição a quem quisesse entrar no grupo.

Mas havia quem o fizesse.

As pessoas eram postas à prova.

Lembra-se como é que foi posto à prova?

[*Gargalhada.*] Não foi só uma vez, foram várias. E nessas alturas o Manuel de Castro protegia-me sempre. As pessoas tornavam-se agressivas.

Agressivas verbalmente ou havia mesmo agressividade física?

Verbalmente, claro. Embora às vezes se passasse a actos. Lembro-me de, em grandes bebedeiras, as pessoas se agredirem umas às outras.

Quem era a figura tutelar do grupo?

O Cesariny. O Saldanha da Gama, também.

Que credenciais é que teve de apresentar para ser recebido e para acabar por ser aceite no grupo?

Não se tinha de apresentar propriamente credenciais. Passei a conhecer o Cesariny, mostrei-lhe os poemas que tinha escrito na altura – isto já num outro dia – e ele foi para outra mesa, leu com muita atenção e depois veio entregar-me os poemas e numa das folhas, por detrás, tinha escrito: «Acho que sim, mas ainda não são estes.»

Hoje revê-se nesse diagnóstico dele em relação ao que escrevia na altura?

Ah, sim. Eu deitei aquilo fora.

Esses poemas faziam parte do primeiro livro que tinha publicado ainda antes de se juntar ao grupo do Gelo?

Não. Eram poemas inéditos. Eu tinha publicado uma coisa muito má. Acabei por renegar dois livros. Ainda publiquei um outro, muito mau, depois de já ter encontrado as pessoas do Café Gelo. Evidentemente, houve lá quem me dissesse: «Isto é imperdoável.» Já não sei quem foi que mo disse mas tinha razão. «Isto é imperdoável porque já nos conhecias e vais publicar uma merda destas.»

Publicou esse segundo livro sem o ter mostrado aos seus companheiros?

Não o mostrei a ninguém. Nessa altura, atravesssei uma fase muito difícil por causa de uma namorada alemã, uma menina-prodígio, que estava a fazer uma tese sobre o padre António Vieira, em

português. Todos os dias eu estava na Biblioteca Nacional com ela. Li os *Sermões* todos por causa dela. Foi assim um amor... Mas aquilo correu mal. Ela voltou para a Alemanha. Eu era um adolescente e tornei-me alcoólico. Esse mau livro tinha que ver com umas horrorosas lamúrias de galinha. Coisas que um gajo escreve quando está muito mal mas que nada têm que ver com poesia.

Como é que se intitulavam esses dois livros que renegou e que já não constam da sua bibliografia?

Até os títulos são horríveis. [*Gargalhada.*] Não lhe vou dizer.

Não guarda sequer nenhum exemplar?

Guardo. Mas também não lhos vou mostrar.

Mas não conseguiu desfazer-se por completo dessa fase da sua vida.

Não. Desse segundo até aproveitei um poema e mais dois ou três versos. O livro é mau mas já havia lá uma coisa qualquer. Uma centelha. Muito pequena, mas havia.

Ficaram zangados consigo no Café Gelo?

Não propriamente zangados mas mostraram-me que, realmente, aquilo não prestava. E tinham razão. O que me fez sofrer bastante. Foi bastante doloroso. Mas tive de superar isso.

Quando chega ao Café Gelo, o seu modo poético já é surrealista ou não estava ainda familiarizado com o surrealismo?

Ainda não. Quando li *Pena Capital* do Cesariny, aquilo para mim foi uma revelação. Foi uma porta que se abriu. Além disso, circulavam ali livros. Eu via-os, emprestavam-mos, pedia-os, comprava. Roubava. Muita gente roubava livros. Eu também. Isto não é segredo nenhum. Chegávamos a fazer encomendas aos mais habilidosos. Porque às vezes havia livros que estavam nas montras ou em sítios muito inacessíveis ou muito vigiados. Mas havia entre nós alguns peritos. Esses mais habilidosos recebiam encomendas: «Olha, preciso de tal livro.» Houve quem roubasse livros da montra e tudo.

Quem é que tinha as melhores técnicas para isso? O Ernesto Sampaio era bom. [*Gargalhada.*] Não sei se isto vai ferir as susceptibilidades de alguém.

Esta memória do grupo Café Gelo, determinante numa certa fase da poesia portuguesa, é suficientemente conhecida?

Acho que o [*António José*] Forte escreveu qualquer coisa mas só tenho uma vaga ideia disso. Não me lembro onde é que ele publicou esse texto.

O António Barahona nunca pensou escrever também as suas memórias sobre esse período?

O Mário Cesariny disse-me várias vezes que eu devia escrever a história do Café Gelo. Quis entusiasmar-me nesse sentido. Agora, eu não sei a história toda. Porque quando eu apareci já o grupo do Café Gelo existia. E as pessoas com quem eu poderia falar acerca desse tempo mais antigo, exceptuando o Herberto, já desapareceram.

Ainda tem uma memória clara do que era, nessa altura, a sua ambição literária?

Eu era muito infantil e tinha uma ideia muito romântica do que era ser poeta. Tinha o mito do poeta maldito e da autodestruição. Hoje, já não penso exactamente assim. Embora creia que há poetas predestinados. Os poetas são sempre predestinados. Não se aprende a ser poeta. Alguns são predestinados de uma maneira que lhes é extremamente adversa: morrem cedo, morrem torturados, suicidam-se. Nessa altura, a minha única visão do poeta radicava-se nessa imagem: da maldição, da impossibilidade de viver, do suicídio. Do amor traído ou do amor impossível. Os meus horizontes de ambição literária – tal como hoje eu os concebo – não existiam. Havia mais um desejo de aniquilação. Talvez a obra literária, se eu aspirava a ela, fosse uma forma de chamar a atenção mas não propriamente com uma ambição de perenidade. Era uma chamada de atenção. O que, aliás, é sempre o que acontece quando alguém se suicida.

A fase alcoólica de que me falou tinha a ver também com essa pulsão autodestrutiva?

Tinha uma ideia muito romântica do que era ser poeta. O mito do poeta maldito e da autodestruição. Hoje, já não penso exactamente assim.

Os poetas são sempre predestinados. Não se aprende a ser poeta. Alguns são predestinados de uma maneira que lhes é extremamente adversa: morrem cedo, morrem torturados, suicidam-se.



Sim, sim. Começou como um desgosto adolescente de amor mas depois radicou-se como qualquer coisa desse percurso maldito. E também, muito, por influência do meu amigo Manuel de Castro. Embora ele, evidentemente, não seja culpado disso. Ele soçobrou e eu não. Eu saí a tempo e ele não. Ele era efectivamente um alcoólico. Eu andava sempre com ele, bebia com ele e a partir de certa altura saí e ele continuou. Morreu com 36 anos.

Foi também nessa altura que fez experiências de escrita com drogas?

Isso foi mais tarde. Essas coisas só começam a circular aqui nos anos 70.

Essas experiências foram-lhe úteis em termos literários?

Não só úteis para a escrita mas como elementos de autoconhecimento. Como sabe há nisto uma tradição. Veja a obra do Michaux, por exemplo.

Uma tradição que já tem séculos: segundo li, o Novalis terá escrito os *Hinos à Noite* sob a influência do láudano, se não me engano.

Do láudano, sim, que era uma coisa muito comum na época.

No seu caso era o quê?

Eu experimentei haxixe, experimentei LSD, experimentei mesalina. E chega, não?

E escrevia de forma diferente consoante a substância que tomava?

Isto não quer dizer que eu sempre que tomasse essas substâncias o fizesse com a intenção de produzir algo. Podia tomá-las unicamente pelo prazer de as fruir. Sem qualquer intenção de criação. Embora isso, evidentemente, estivesse sempre subjacente. Mas no tempo do Café Gelo essas drogas ainda não circulavam.

Como é que era o seu modo de vida, nessa altura?

Por causa dessa minha ideia de que o poeta tinha de ser maldito, tinha de ser desgraçado, tinha de ser infeliz, eu saí de casa com 18 anos. Às vezes dormia nos bancos de jardim. Como se diz hoje, fui durante um tempo um sem-abrigo. Depois, tinha umas pessoas que às vezes me deixavam dormir lá em casa. Tinha umas facilidades que provavelmente não terá um sem-abrigo qualquer. Mas tive uma vida bastante irregular até casar pela primeira vez. Casei com a Luíza Neto Jorge. Éramos os dois muito novos. Eu tinha 20 anos e ela também.

Conheceu-a por intermédio do grupo do Café Gelo?

Não. Conheci-a na Faculdade de Letras. Eu gosto muito de Lorca. Já na altura gostava muito. Já não sei onde foi que vi que iria à Faculdade de Letras um conferencista espanhol falar sobre Lorca. E eu fui lá. Uma das pessoas que também foi assistir foi a Luísa. Uma amiga comum, a Irene Freire Nunes, apresentou-nos e a partir daí começámos a conviver.

Nesse período, o António Barahona era monárquico ou anarquista?

Monárquico, fui na minha adolescência. Da parte do meu pai venho de uma família nobre. Herdei isso de família.

A sua família tinha título nobiliárquico?

Não, não tenho título. A minha família tinha brasão. Portanto, fui educado assim. Depois, como só num adolescente isso pode acontecer, fui tudo: fui anarquista, fui comunista. Fui essas coisas todas.

Comunista, também?

Também. De uma forma um bocado inconsciente. Embora se tivessem servido de mim. Mas nunca entrei no partido.

Foi utilizado por quem?

Havia simpatizantes, como eu, que o partido utilizava para distribuir propaganda. Acho que até cheguei a distribuir também algumas vezes o *Avante!*.

Isso foi antes de se tornar anarquista?

Sim. Isso foi antes. Depois pertenci – isto parece inventado mas não é – a um grupo anarquista que

se reunia no jardim do Campo de Santana e cujo chefe se chamava Récio Bomba.

Isso era alcinha.

Não sei. Nunca soube. Chamava-se Récio Bomba. Era um fulano que andava sempre vestido à anos 20, muito bem arranjado e de risco ao meio. Era ele que nos doutrinava e que comandava as nossas acções de rua. Que se limitavam a escrevermos umas coisas nas paredes.

Escreviam frases poéticas ou palavras de ordem?

Não tinham nada de poético. Eram *slogans* contra o Governo. Um deles – naturalmente, agora vou escandalizá-lo – não estou arrependido de o ter escrito na altura mas hoje escrevê-lo-ia ao contrário. Um desses *slogans* era: «Morra Salazar.» Eu hoje diria: «Viva Salazar.» [Gargalhada.]

Por espírito de contradição?

Porque eu acho que o Salazar foi o último político honesto que teve Portugal. Daí em diante é uma roubalheira. O homem podia ter, realmente, defeitos – e tinha – mas também tinha virtudes. Uma delas era a honestidade.

Lembra-se porque é que na altura em que escrevia nas paredes era anti-salazarista?

Porque, evidentemente – e isso é uma coisa que eu continuo a achar –, apesar de todas as virtudes que o senhor teria, deixou-se afogar por uma polícia política horrorosa. Era muito incomodativo estar num café a conversar e, de repente, desconfiar de alguém que nos estava a olhar mais fixamente. Havia um clima de insegurança e de desconfiança das pessoas, umas em relação às outras. Mas naquela altura, pelo menos (não é que eu esteja a defender isso), dava-se importância àquilo que uma pessoa pudesse dizer. Tinha peso. Hoje, não tem peso nenhum. Diz-se tudo e tudo voa. Já que estou a falar nisto, há uma coisa que eu gostava de dizer. Alguém me disse que o Saramago, numa entrevista, teria dito que não se devia fazer a Casa-Museu do Salazar em Santa Comba Dão. Isto é absolutamente idiota. Salazar é uma personagem que faz parte da História de Portugal. Se nós formos a Itália está lá o museu do Mussolini. O que eu gostaria de dizer é que – naturalmente, com isto também o vou escandalizar mas recomendo-lhe a leitura – vale mais uma página de qualquer discurso de Salazar do que toda a obra de Saramago. Estilisticamente. O autor de cabeceira do Salazar era o padre António Vieira. Se ler qualquer dos discursos do Salazar lê português. Que é uma coisa que já raramente se encontra. É um clássico.

Conhece bem os livros de Saramago?

Olhe, dos livros do Saramago que eu quis ler por mim, nunca consegui passar das primeiras páginas. Um livro que uma vez me obrigaram – obrigaram, entre aspas – a ler, porque queriam que fizesse sobre ele uma nota, foi o *Evangelho segundo Jesus Cristo*. Cheguei ao fim do livro e nem sequer uma nota para dizer mal me apeteceu fazer. Aquilo não é nada. Nem sequer merece que se diga mal.

É uma merda. O Prémio Nobel está completamente desprestigiado. Quando o Prémio Nobel se atribuiu a um escritor medíocre da craveira do Saramago e não se dá, por exemplo, a uma Agustina ou a um Herberto Helder ou a um Cesariny, que na altura estava vivo, não se entende. E a mesma coisa com o Lobo Antunes.

Também já o leu?

Não dá. Não dá porque, repare, a leitura tem de ser um prazer. A pessoa não se pode estar a obrigar a ler livros.

Quais foram os seus primeiros prazeres literários?

O Júlio Dinis, que havia em casa dos meus pais. Gostei muito de ler *A Morgadinha dos Canaviais*. Depois, houve uma professora minha, Berta Mendes, a mulher do escritor Manuel Mendes, que foi muito importante para mim, porque me deu a ler Camilo, Eça, Castilho também.

Foi com ela que fez a sua educação literária antes de integrar o grupo do Café Gelo?

Com ela e com um tio meu. Mas por muito que eu tivesse lido, ao pé deles, no Gelo, era um ignorante.

Vale mais uma página de qualquer discurso de Salazar do que toda a obra de Saramago. Estilisticamente. O autor de cabeceira do Salazar era o padre António Vieira. Se ler qualquer dos discursos do Salazar lê português. Que é uma coisa que já raramente se encontra.

É um clássico.



Ali, liam-se outras coisas. Já tinham andado muito mais para a frente.

Como é que acontece a sua passagem do grupo do Gelo, surrealista, para a poesia experimental?

Já não me lembro bem como é que as coisas se passaram. Vem o António Aragão da Madeira e acho que foi ele que tomou a iniciativa de fazer aquela publicação. Era a Salette Tavares, também. E a Ana Hatherly. **O Herberto Helder foi para si o elemento de contacto entre esse grupo e o grupo do Café Gelo?**

Eu andava muito com o Herberto. Foi por intermédio dele que conheci o António Aragão. O Aragão era amigo do Herberto. Eram os dois madeirenses. **Havia, à partida, algum pressuposto teórico por detrás do grupo da poesia experimental?**

A base era bastante difusa. Sobretudo para mim. Repetiu-se a circunstância de eu ser o mais novo e o mais inculto e o mais inconsciente, talvez. Eu tinha parado um bocadinho no letrismo, no Isidore Isou.

Na altura, já era uma vanguarda um bocadinho ultrapassada mas para mim ainda fazia sentido.

Para poder integrar esse grupo «receitaram-lhe», entretanto, outras obras e outros poetas para se poder actualizar?

É evidente que contactando com as pessoas que estavam a fazer aquela publicação houve coisas que eu li e que eu vi. Gerou-se um clima. Mas aquilo são coisas sem futuro. Por isso mesmo as vanguardas são experimentais. São experiências que se fazem e depois passa-se a outra coisa. Hoje, acho tudo aquilo que fiz nessa altura bastante incipiente. Mesmo assim houve coisas que aproveitei, das quais fiz versões novas. Porque eu tenho muito isso: trabalhar nas minhas próprias coisas mesmo depois de estarem publicadas. Outras, anulo-as.

Nisso mantém afinidades com o Herberto Helder.

Sim. É um processo idêntico. O Jorge de Sena é que dizia que depois de um poema publicado, já não lhe mexia mais. Eu nunca entendi isso. Claro que se chega a uma altura em que se sente que já não se pode mexer mais. A partir daí começa-se a estragar.

Já há livros em que não mexe?

Até agora estou a mexer em tudo. Poderá é haver fragmentos em que eu já não mexo.

A sua aproximação ao Ruy Cinatti acontece já depois da poesia experimental.

Sim. Isso é bastante mais tarde. A poesia experimental é de 62 a 64. Ao Ruy conheço-o em 1976. Na Brasileira do Chiado. O Ruy costumava andar sempre com um braçado de papéis, a distribuir folhas volantes, e eu conheço-o nessa circunstância. Ele chegou ao pé de mim, ofereceu-me um poema, eu convidei-o a sentar e contei-lhe – e é verdade – que o primeiro poeta moderno que eu conheci, com uma poesia liberta da métrica e das formas convencionais, tinha sido ele. Porque um dia, tinha eu 15 anos, e já não sei como, vieram parar às minhas mãos uns números de uma revista com um ensaio de um senhor chamado, se não me engano, Carlos Branco sobre o Ruy Cinatti. Nesse ensaio transcreviam-se muitos poemas e fragmentos de poemas dele. Aquilo para mim foi uma grande surpresa. Foi o primeiro poeta moderno que eu li, o Ruy Cinatti. E eu contei-lhe isso.

Qual foi a reacção dele?

Ficou contente. A partir daí nasceu entre nós uma amizade. Ele era uma pessoa incrível.

Até já disse uma vez que chegou a ser uma espécie de secretário poético do Ruy Cinatti.

Sim. Eu visitava-o com muita assiduidade e quase sempre, quando chegava lá a casa, ele dizia-me: «Olha lá, escrevi isto, vê lá se se deve mudar aí alguma coisa.» Eu às vezes dava-lhe a minha opinião.

Ajudou-o a resolver alguns poemas?

Ajudei-o a resolver tecnicamente alguns poemas, sim, e depois disso alargou-se à reescrita de livros dele. Eu corrigia mas sempre com ele. Eu estava à mesa e ele andava a passear de um lado para

o outro. Um deles ficou em metade. Ele morreu e não se conseguiu chegar ao fim. Era o *Itinerário Angolano*, um livro que ele tinha escrito quando tinha ido a Angola.

Sente-se parcialmente co-autor de alguns dos poemas dele?

Não. Porque quem fazia as emendas era ele. Embora eu desse opiniões. Havia opiniões que ele perflhava e outras que não. Normalmente eram problemas de pontuação e coisas assim.

Com a Luiza Neto Jorge também tinha havido esse tipo de permuta poética?

Sim. Líamos as coisas um do outro. O que é interessante é que depois de nós nos termos separado – ela voltou a casar, entretanto –, depois de passada aquela fase mais difícil, eu era uma visita quotidiana de casa dela. Não havia quase dia nenhum em que eu não a visitasse. Quando tinha alguma dúvida acerca de qualquer coisa que tinha escrito era com ela que falava e que lia as minhas coisas. E o espantoso é que ela não precisava de me dizer nada. Bastava o silêncio, sabe. A maneira como ela olhava para mim. Quando eu saía de lá, ela não me tinha dito nada mas eu sabia o que é que havia de fazer. Havia um grande entendimento entre nós. Qualquer coisa que eu nunca tive com mais ninguém.

Esse processo de leitura era recíproco: ela também lhe submetia os poemas dela para apreciação?

Eu não creio que ela me submetesse. Quem submetia era eu. Ela normalmente era mais segura do que eu. Tinha mais a certeza relativamente às coisas que escrevia. Era mais categórica.

Ainda é inseguro em relação àquilo que escreve?

Sim. Eu nunca estou contente com nada. Não quer dizer que ela estivesse. Nunca ninguém está. Mas tinha outra segurança que eu não tenho.

Hoje já sabe melhor do que nesse tempo qual o rumo que quer para a sua poesia?

Sim. Sei mais o que quero. Mas agora olho para o livro que publiquei e já há um poema aí que, naturalmente, se isso voltar a ser publicado, vou retirar. E há outras coisas que vou emendar.

Com o tempo, o carácter religioso da sua poesia intensificou-se. Isso correspondeu, sobretudo, a uma descoberta poética ou a uma descoberta extraliterária?

Acho que foram as duas coisas. A descoberta da religião – eu gostaria mais de falar da religião e não de uma determinada religião – foi para mim... Bom, eu tive uma educação religiosa não propriamente em casa mas no liceu. Os professores de Religião e Moral eram pessoas muito persuasivas e convincentes. Naquela minha puberdade, quando tinha uns 11 anos, tive a minha primeira experiência mística. A primeira e única.

Que experiência foi?

Foi no dia em que fiz a primeira comunhão. Naquela altura era-se obrigado a estar em jejum para se comungar. Eu hoje atribuo essa minha experiên-

cia ao facto de estar em jejum. Nunca tinha estado em jejum.

Teve alguma alucinação?

Sim. Fiz a primeira comunhão na Igreja de S. Roque. Depois, havia um eléctrico que me levava até perto de casa e eu apanhei esse eléctrico. Lembro-me nitidamente. Fui em pé ao lado do guarda-freio. A dada altura, tudo quanto estava à minha volta – o guarda-freio, o eléctrico, a rua – tudo ficou luminoso. Foi um *flash* de não sei quantos segundos. Uma coisa soberba. Uma coisa absolutamente indescritível.

Sentiu isso como um chamamento?

Eu tinha acabado de comungar. Atribuí aquilo ao facto de ter o próprio Deus dentro de mim. É nisso que um católico crê quando comunga. Embora a minha cabeça seja hoje diferente, entendo que tenha sido isso que naquela altura me provocou aquele *flash*, aquele estado de espírito muito especial.

Mais tarde, no período em que fez experiências com drogas, nunca teve alucinações ao ponto

Experiências com mescalina ou com ácido lisérgico não dão nada a ninguém. Se um tipo é completamente idiota, se não tem nenhum índice de espiritualidade e toma uma *trip* de mescalina, fica tão estúpido como estava antes. Essas substâncias são hoje consumidas pela razão inversa àquela que me levou a consumi-las.



de viver também por essa via uma experiência mística?

Esse tipo de experiências – com mescalina ou com ácido lisérgico – não dá nada a ninguém. Se um tipo é completamente idiota, se não tem nenhum índice de espiritualidade e toma uma *trip* de mescalina, fica tão estúpido como estava antes. Essa substância serviria para desencadear coisas que ele possui no seu interior. Se ele não possui nada, não há nada. Poderá haver um estado mental de confusão e poderá até ser perigoso porque pode ocasionar um estado de esquizofrenia, por exemplo. Agora, vulgarizaram-se coisas que deveriam ter uma função religiosa e espiritual e que entretanto se banalizaram de uma forma sensual. Creio que essas substâncias são hoje consumidas pela razão inversa àquela que me levou a consumi-las. A mescalina, por exemplo, é uma substância que era tomada pelos índios, depois de uma certa dieta, de uns dias

de jejum e sujeita a determinados rituais. Não era propriamente uma coisa que uma pessoa tomasse para ir dançar.

Isto veio à conversa porque lhe perguntei se no seu caso viveu algum momento que possa considerar uma experiência mística sob o efeito dessas substâncias.

[*Longo silêncio.*] Eu não lhe sei responder a isso. Isto pode ser um preconceito da minha parte mas tenho uma certa relutância em atribuir misticismo a esse tipo de experiência, porque houve falsos gurus nos anos 60 e 70 a especular muito sobre isso. Se há alguma coisa de verdade naquilo que eles dizem, também há muito de falsa especulação. Agora, o que pode acontecer é a pessoa, ao tomar essas substâncias, ficar durante algum tempo possuída de uma espécie de clarividência que a faz notar coisas que não tinha notado antes. Na própria realidade física. Por exemplo, em relação aos minerais. Nós aprendemos que os minerais são coisas que estão mortas, que são seres inanimados. É mentira. Sob o efeito da mescalina percebe-se que uma pedra está viva. É um ser. Nasce, cresce, morre. Está viva.

Encara a poesia como uma disciplina da teologia?

Sim, de certa maneira. Mesmo quando o poeta não tem consciência disso. Já o Rilke e o Hölderlin diziam que o poeta recebe a inspiração que vem do alto. Que é apenas um instrumento através do qual passa aquilo que Deus lhe dita. No poeta também há bastante de profeta.

Lembro-me de ter lido num texto seu uma frase em que se descrevia a poesia como «uma religião sem esperança».

Ah, isso é do Cocteau. É uma religião sem esperança no sentido de que o poema está sempre por escrever. Aquilo que se quer ao escrever poesia jamais se alcança. Ao passo que na religião, quando se tem fé, a pessoa acredita que vai alcançar aquilo que a religião promete.

Em todo o caso, encara sempre a poesia como algo associado ao sagrado.

Sim. Aliás, sempre estive. As Escrituras são em versículos. A Bíblia tem belíssimos poemas. É um manancial de poesia. O próprio Alcorão. Todas as Escrituras Sagradas estão encharcadas de poesia.

Foi a poesia que o fez aproximar-se da religião ou o espírito religioso que o ligou à poesia?

A religião é uma descoberta posterior à poesia. Não lhe vou dizer que descobri a religião quando era menino. Numa criança não há essa duplicidade. A criança ainda não viveu, portanto não sabe o que é viver sem religião. A religião é uma descoberta posterior, na medida em que eu passei por um período a-religioso.

A poesia foi, para si, um instrumento nessa descoberta da religião?

De certa maneira, sim. Até porque como já dissemos a poesia está sempre associada ao sagrado.

Há até um texto seu em que se refere aos «pseudo-artistas que sorriem, dessacralizados e domésticos».

Pois, isso é de uns livros em que eu propunha uma teocracia, não é? [*Gargalhada.*] E fazia uma apoloquia da Inquisição. Mas isso também foi uma coisa que as pessoas não entenderam. É uma Inquisição de cada um consigo mesmo. Uma espécie de guerra santa de cada um consigo próprio.

Não era o regresso às fogueiras do Rossio?

Sim. Não era propriamente isso.

Ao falar, na frase que lhe citei, dos «pseudo-artistas» qual é a linha de fronteira que estabelece para distinguir os pseudo-artistas daqueles que valoriza como verdadeiros?

Os pseudo-artistas fabricam produtos artísticos, não obras de arte. A maior parte das exposições e das coisas que se fazem não tem nada que ver com arte. São produtos artísticos. Na literatura é a mesma coisa: produtos poéticos em vez de poesia. É o que pulula. Por vezes, há produtos artísticos que se podem confundir com obras de arte e isso leva um certo tempo a discernir. É como o erotismo relativamente à pornografia: onde é que está a fronteira? Também é muito difícil de estabelecer.

Como é que se deu a sua descoberta do islão?

A minha descoberta do islão deu-se de uma forma muito pragmática e depois conheceu um desenvolvimento inesperado. Quando eu comecei a viver com a Eunice [*Muñoz*], a Eunice era separada mas tinha casado pela Igreja. Naquela altura, tal como hoje aliás, as pessoas só podiam casar uma única vez pela Igreja. Havia essa impossibilidade de nos casarmos mas eu queria sacralizar a minha união com ela. Para mim era essencial. Eu era amigo do poeta Vasco Miranda, um padre que já faleceu, e desabafei com ele. E foi ele, padre católico, que me aconselhou a procurar numa igreja evangelista, protestante, uma solução para o caso. Percorri várias confissões evangélicas mas aquele discurso não me interessou. Entretanto, desde a escola primária que eu tinha uma grande desconfiança quanto à forma como a História de Portugal era ensinada. Tinha muita simpatia pelos mouros, aqueles que eram os chamados «inféis». Mantive sempre uma grande afectividade por eles e depois vim a descobrir porquê. Houve um amigo meu que faz estudos genealógicos e que, a partir do nome do meu antepassado mais antigo, começou a andar para trás e descobriu que eu descendo de árabes.

Portanto, o sangue falou.

Exactamente. Eu entendo essa afectividade que sentia como tendo sido o sangue a falar. Entretanto, a Eunice vai numa *tournee* a África e eu vou com ela. Isto, em 1970, em plena Guerra Colonial. Estava lá um amigo meu, capitão miliciano, que era o Liote. Um dia estava eu com o Liote a beber umas cervejas, em Lourenço Marques –, ele estava fardado, com as divisas de capitão – aproxima-se um senhor gordo, indiano, e diz-lhe assim: «Ó senhor capitão, eu

tenho o meu filho em Tete e queria que ele viesse para o pé de mim; se o senhor capitão telefonasse lá para cima e dissesse que precisava do rapaz cá em baixo e tal...» O Liote que era um gajo porreiro respondeu-lhe: «Está bem, diga lá como é que ele se chama e qual é o número dele.» O homem lá lhe disse aquilo e ele ligou logo: «Ó não sei quê, manda-me aí o não sei quantos; pronto já está.» O rapaz vinha logo no dia seguinte. O homem ficou agradecidíssimo. Saímos todos juntos e ele a dada altura pára e diz-me: «Bom, eu agora vou ficar aqui, vou rezar.»

Era muçulmano?

Era muçulmano. De repente, quando ele disse aquilo, pensei: nunca vi uma mesquita, vou aproveitar. Disse ao homem: «Olhe, desculpe, não se importa que eu entre consigo para ver a mesquita?» «Ah, faz favor.» O homem estava receptivo, de tão contente com o que lhe tinha acontecido. Se bem me lembro, acho que entrou o grupo todo. Estava também o pintor Lopes Alves e a mulher. Acho que também estava a Eunice. Então entrámos e eu, mal entrei, tive a sensação de que pertencia ali.

**A única pessoa com quem falo
– e pelo telefone, raramente nos
encontramos – é o Herberto Helder.
Falamos de tudo. É uma amizade
que vem desde os meus 18 anos.**

**À parte isso, graças a Deus fiz mais dois
ou três amigos novos mas não me dou
praticamente com mais ninguém.
Os meus amigos morreram todos.**



Isso é uma experiência mística.

É. Sim. Sem aquele aparato luminoso. Como qualquer coisa de mais íntimo. Mas não disse nada a ninguém e voltei lá no dia seguinte sozinho. Pronto, e depois disso começa uma longa história.

Já tinha alguma relação literária com a cultura árabe, nessa altura?

Sim, mas não muito intensa. A partir daí é que ela se intensifica. Ainda em Lourenço Marques, estudei durante um mês a religião, com um professor, e ao fim de um mês casámos lá.

O interesse posterior pela Índia e pelo sânscrito é, de algum modo, uma continuação desse laço que criou com a cultura islâmica?

Sim. Está tudo ligado. Embora, evidentemente, não haja uma relação directa entre o sânscrito e o islão. O que há – e é uma das coisas que se dizem no islão – é que o Alcorão, por ser o último livro revelado, contém todos os outros livros sagrados.

O seu interesse quando se dedicou ao sânscrito

foi, portanto, mais de ordem religiosa do que de ordem literária.

De ordem religiosa e de ordem poética, porque é uma mina de poesia. Há-de ver isso agora quando sair a Brihadh Âranyaka Upanishad, a Upanishad da Grande Floresta. Quanto a mim, poeticamente é superior à [*Bhagavad*] Gita.

Traduziu-a?

Sim. Estou à espera das provas.

Quanto tempo lhe demorou a tradução?

Esse, foram oito anos.

E a Bhagavad Gita?

Ah, isso foi muito tempo. Muito.

Essas diferentes aprendizagens – primeiro do árabe, depois do sânscrito – provocaram alguma inflexão no rumo da sua poesia?

Não. Mas influenciaram-na, evidentemente. O rumo da poesia é feito por todas essas coisas. É feito pelos livros que se lêem, pelos livros que se traduzem, pelas mulheres que se amam, pelas bebedeiras que se apanham. [*Gargalhada.*] Eu agora não apanho.

Continua a perseguir Deus com uma «fé furiosa», usando uma expressão de um texto seu de há anos atrás?

Sim.

O que é a fé furiosa?

É uma fé que quase toca as raias do desespero. Trata-se de um diálogo com o invisível e o invisível é mudo, mesmo quando fala. Isso não é fácil.

Sente que tem sido bem lido?

Nem por isso.

A que é que atribui isso?

Não sei. Devo dizer-lhe que não sei.

Aceita ser descrito como um poeta marginal?

Sim. Marginal na medida em que eu nunca pactuei com coisas com as quais não concordava e que eventualmente me pudessem favorecer. Marginal, nesse sentido.

Que tipo de coisas?

A política, por exemplo. Não tenho nenhum partido político, nem quero ter. E as minhas opiniões são controversas. Quando foi do funeral do Álvaro Cunhal escrevi uma coisa, não sei se leu, chamada «A vergonha dos políticos». Quando ele já estava com 90 anos, ou oitenta e muitos, vai à televisão dar uma entrevista e diz orgulhosamente que desde os 17 anos não tinha mudado. Acho de uma grande falta de imaginação uma pessoa chegar aos 90 anos e ter o desprazer de dizer que está na mesma desde os dezasseis. Eu, nesse panfleto, pergunto: na medida em que se consente no parlamento o Partido Comunista, porque é não se consente um partido neofascista?

Nunca mediu as suas posições públicas em função do efeito que elas poderiam vir a ter?

Estas coisas nunca têm efeito nenhum. Faço estes panfletos e dou-os a meia dúzia de pessoas.

Teve efeito público, por exemplo, a sua posição em relação à fatwa contra o Salman Rushdie.

Ah, pois. Está bem. Porque isso veio nos jornais. Mas

em relação a isso do Rushdie as pessoas também não perceberam bem. Eu tentei explicar porque é que aquilo era assim. Não é que eu estivesse a dizer que se deveria fazer assim. Isso, por exemplo, desclassificou-me junto de determinadas pessoas.

Isto vinha a propósito das suas posições controversas e do modo como elas podem ter influenciado a recepção da sua poesia.

Pois. Acho que sim. Alguma influência tem de ter.

Isso magoa-o?

De certo modo magoa. Mas não é uma mágoa muito grande. É alguma. É verdade que sim. Mentiria se lhe dissesse que não.

Hoje já não frequenta o meio literário.

Nada. A única pessoa com quem falo – e é pelo telefone, raramente nos encontramos – é o Herberto.

Falam de poesia?

Falamos de tudo. É uma amizade que vem desde os meus 18 anos. À parte isso, graças a Deus fiz mais dois ou três amigos novos mas não me dou praticamente com mais ninguém. Os meus amigos morreram todos.

Tinha uma simpatia muito grande pelos mouros, os chamados «infiéis». Mantive sempre uma grande afetividade por eles e depois vim a descobrir porquê. Houve um amigo meu que faz estudos genealógicos e que, a partir do nome do meu antepassado mais antigo, começou a andar para trás e descobriu que eu descendo de árabes.



O que é que distingue o poeta do homem comum?

É o facto de o poeta ser também um homem comum a quem calhou, não se sabe por que razão, um destino que lhe impõe algo que não tem que ver com o homem comum. Acho que a única diferença é essa: é uma *condenação*. É a pessoa sentir-se um homem comum, aspirar inclusivamente à paz que lhe daria o facto de ser um homem comum, mas devido a essa imposição, a essa condenação, ver-se comum e ao mesmo tempo obrigada a não o ser.

Sente-se condenado à poesia?

Ah, sim. Claro. Sempre senti isso.

Vê-se de alguma forma, enquanto poeta, como um oficiante, um sacerdote?

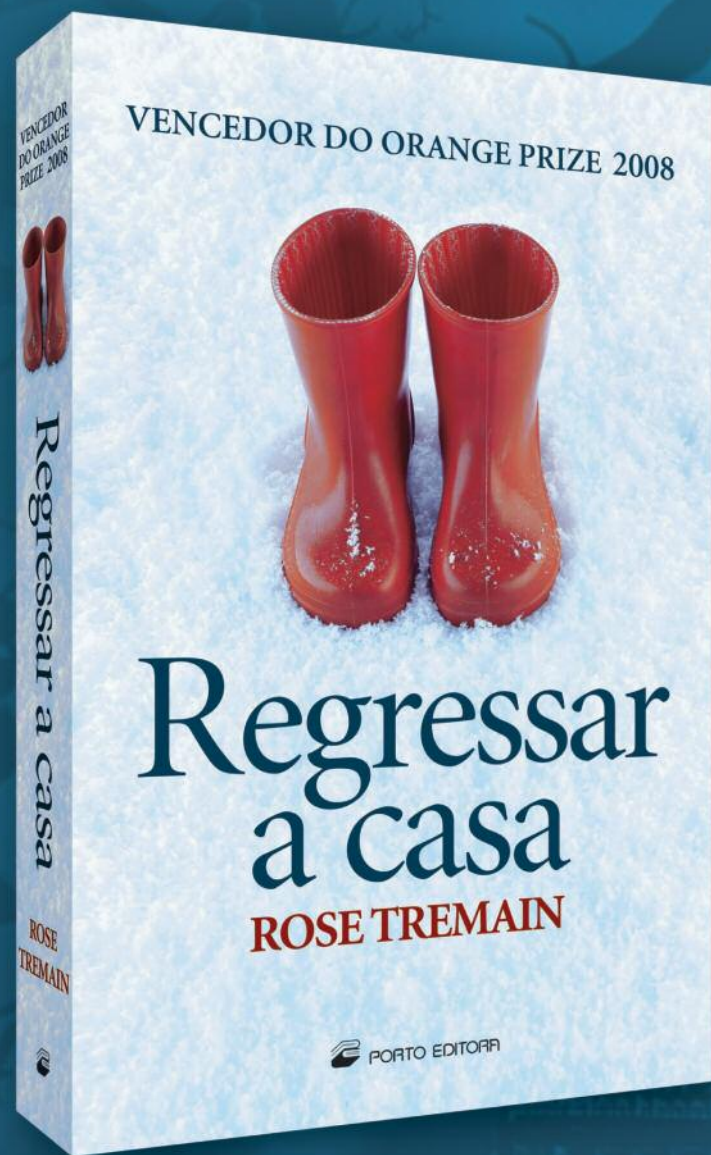
Uma espécie disso, sim. [*Longo silêncio.*] Sacerdote talvez seja pomposo de mais. Um instrumento. É-se instrumento.

De quê?

É-se instrumento de algo que se pode nomear com os mais diversos nomes ou sem nome nenhum. ■

revista LER (dezembro 2008)

Uma viagem fascinante



Vencedor do Orange Prize 2008

 PORTO EDITORA